
SESSÕES DO PLENÁRIO

32ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 03 de setembro de 2009.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial para outorga do Título de Cidadão Baiano ao Exmº Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Aécio Neves, proposto pelos deputados Leur Lomanto Junior, Elmar Nascimento e Paulo Azi.

Srs. Deputados, convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima, o Exmº Sr. Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães Neto, 2º vice-presidente representando o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer, o 2º vice-presidente, desembargador Gerônimo dos Santos, representante da presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, desembargadora Sílvia Zarif, o meu querido amigo ex-governador do Estado da Bahia Waldir Pires, o Exmº Sr. ex-Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto, o ex-governador da Bahia Antonio Imbassahy, o Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia Antonio Carlos Magalhães Junior, o Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia César Augusto Rabello Borges, o Sr. Senador da República pelo Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, o Sr. Prefeito da cidade de Salvador, João Henrique de Barradas Carneiro, e o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, do colegiado dos presidentes das Assembleias Legislativas, deputado Alberto Pinto Coelho.

Quero registrar as presenças dos deputados Aderbal Fulco Caldas, Álvaro Gomes, Antônia Pedrosa, Capitão Tadeu, Clóvis Ferraz, presidente da Unale, Elmar Nascimento, Emério Resedá, Euclides Fernandes, Ferreira Ottomar, Fernando Torres, Gaban, Gildásio Penedo Filho, Heraldo Rocha, Líder da Minoria, José Nunes, Júnior Magalhães, Leur Lomanto Junior, Luiz Argôlo, Luiz de Deus, Maria Luiza Laudano, Maria Luiza Carneiro, Misael Neto, Paulo Azi, Paulo Câmera, Reinaldo Braga, Sérgio Passos e Virgínia Hagge.

Designo para conduzir a este recinto o Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Aécio Neves, uma comissão integrada pelos Srs. Deputados Leur Lomanto Junior, Líder do PMDB, Elmar Nascimento, Paulo Azi, Heraldo Rocha, Líder da Minoria, Sérgio Passos, vice-líder da Bancada da Maioria representando o Líder, Misael Neto, Líder do Democratas, e Paulo Câmera, Líder do Bloco PSL/PTdoB/PTB/PSDB.

Gostaria de registrar a presença do Srs. Deputados Federais Colbert Martins, Fábio Souto, João Carlos Bacelar, João Almeida, José Carlos Aleluia, José Carlos

Araújo, José Rocha, Jutahy Magalhães Junior, Lídice da Mata, Luiz Carreira, Mário Negromonte, Maurício Trindade e Paulo Magalhães. (Pausa)

Gostaria de registrar as presenças dos Srs. Deputados Estaduais de Minas Gerais Alencar da Silveira, Ana Maria Resende, Dinis Pinheiro, Gil Pereira, Luiz Humberto Carneiro, Gustavo Valadares e Jayro Lessa, também dos Srs. Deputados Federais Carlos Melles, Ciro Pedrosa, Nârcio Rodrigues, Paulo Abi-Ackel, Rafael Guerra, Rodrigo de Castro, Antônio Roberto e do Rio de Janeiro Rodrigo Maia, presidente do DEM. (Pausa)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de pedir desculpas e convidar o Presidente Nacional do Democratas, deputado Rodrigo Maia, para compor a Mesa. (Palmas)

Convido o deputado, meu querido amigo, Leur Lomanto Júnior para saudar o homenageado.

O Sr. LEUR LOMANTO JÚNIOR:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, deputado Marcelo Nilo; Sr. Governador do Estado de Minas Gerais e homenageado, Aécio Neves; Sr. Ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima; Exmº Sr. Deputado Federal, Antonio Carlos Magalhães Neto, 2º vice-presidente, representando o Presidente da Câmara de Deputados, deputado Michel Temer; Sr. 2º vice-presidente Desembargador Gerônimo dos Santos, representante da Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, Desembargadora Sílvia Zarif; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Waldir Pires; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Antônio Imbassahy; Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia, Antonio Carlos Magalhães Júnior; Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia, César Borges; Sr. Senador da República pelo Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo; Sr. Prefeito da cidade do Salvador, João Henrique Barradas Carneiro; Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais e do Colegiado dos Presidentes das Assembleias Legislativas, deputado Alberto Pinto Coelho; saúdo o Presidente do Democratas, deputado Rodrigo Maia; Sr^{as} Deputadas, Srs. Deputados, autoridades e convidados aqui presentes, quero fazer uma saudação especial ao prefeito de Jequié, Luiz Amaral, governador Aécio Neves, que tem uma semelhança com V.Ex^a, é cruzeirense roxo e fez questão de nos prestigiar nesta homenagem na manhã de hoje. Saudar também o prefeito Quinha, que leva o nome do seu querido avô, da cidade Presidente Tancredo Neves. Convido V.Ex^a para, numa próxima oportunidade, visitar essa importante cidade do nosso Estado da Bahia.

(Lê) “Meu caro governador Aécio Neves.

Esta Casa de representantes do povo baiano sente-se honrada com a presença do ilustre homem público Aécio Neves.

De modo especial aqui me encontro com muita alegria pelo fato de participar deste ato de entrega do título de Cidadão Baiano, conforme projeto de lei de minha co-autoria.

Entrego-me a esta tarefa honrosa, ressaltando que a Assembleia Legislativa da Bahia, ao apreciar e deliberar o projeto, não hesitou em conceder a distinção honorífica, diante da relevante relação do nobre governador com a Bahia e pelas virtudes e qualidades ético-morais do agraciado. Tal reconhecimento a vossa carreira política se sublinha ao fato de três partidos aqui hoje o homenagearem.

Devo reconhecer e justificar que esta Casa torna cidadão baiano um brasileiro devotado, à política, às causas públicas e à história da democracia de nosso imenso país. Trata-se de uma figura que marca com seriedade a sua passagem na história da política brasileira.

Neste momento quero destacar que há muito tempo preservo um sentimento de afeição pelo governador com quem pude conviver e admirar não apenas como político, mas como figura humana.

Em que pese Vossa Excelência ser ainda muito jovem, tenho em minha memória momentos em que eu ainda um garoto o via com o meu pai, o ex-deputado federal Leur Lomanto, e o acompanhava em viagens entre amigos e familiares. (Palmas)

No período em que eu ainda residia em Brasília pude presenciá-lo em convivência de grande amizade, quando Vossa Excelência e o meu pai compartilhavam de experiências na Câmara Federal e conversavam sobre política, projetos e amenidades.

Vale ressaltar que esse laço de afeto nasceu há muitos anos quando o meu avô, o ex-governador Lomanto Júnior, fora companheiro do presidente Tancredo Neves. E, é admirável que essa herança tenha se perpetuado com o meu pai que pôde desfrutar da companhia das três gerações, sendo também amigo e colega no Parlamento de seu avô e de seu pai Aécio Cunha.

O ilustre governador, economista, começou cedo sua trajetória, tendo como influência direta a presença de seu avô, o presidente Tancredo Neves, que encantou o Brasil com o seu modo de fazer política e que infelizmente logo partiu deixando a impressão de uma Pátria órfã de sonhos de democracia e igualdade.

O governador Aécio Neves participou ao lado do seu avô do *Movimento das Diretas Já*, uma das mais entusiásticas e bonitas vitórias da democracia brasileira.

Nesse contexto começou a linha política descrita pelo jovem político Aécio Neves quando atuou de forma veemente na campanha de Tancredo para governador de Minas em 1982 e ali já pôde mostrar o seu perfil associado às questões públicas.

Foi dessa forma que aos 21 anos ele foi escolhido pelo próprio avô para ser seu secretário particular.

Mas o ponto da partida da sua carreira política foi a Câmara Federal, quando representou Minas Gerais por quatro mandatos. No primeiro quadriênio (1986-1990), um fato que marcou sua biografia política foi a participação na Assembleia Nacional Constituinte, na qual foi vice-presidente da Comissão da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher e propôs a emenda que instituiu o direito de voto aos 16 anos.

Em 1995, já no seu terceiro mandato (1994-1998) como deputado federal, foi eleito presidente do PSDB mineiro. Em 1997, tornou-se o líder do partido na Câmara. Vale destacar o fato de nas eleições de 1998, ter sido o deputado do PSDB mais votado no país.

O reconhecimento da população mineira pelo homem público Aécio Neves e sua trajetória foi sendo reafirmado com o passar dos anos. Na Câmara Federal foi um parlamentar de alta grandeza, tendo capacidade e simpatia para ser eleito presidente do Legislativo com mais votos que a soma de todos os outros candidatos.

Destaca-se em sua atividade parlamentar o Pacote ético que acabou com a

imunidade parlamentar para crimes comuns. É importante lembrar de sua passagem pelo cargo interino de presidente da República no ano de 2001.

Mas, a sua ascensão política se passou no ano de 2002, quando se candidatou ao cargo de governador de Minas e fora eleito em primeiro turno com mais de cinco milhões de votos. Sei que através de fatos relatados por meu pai vossa excelência antes de decidir pelo futuro político teve dúvidas entre se candidatar a senador ou ao cargo de governador. Mas o amor por sua terra falou mais alto, e vejo que sua opção foi a mais acertada.

Em Minas Gerais, o seu primeiro mandato foi com a implantação de um novo modelo intitulado de Choque de Gestão, política que tinha o objetivo de reorganizar e modernizar o Estado, reduzir os custos e aumentar os investimentos na área social e em infra-estrutura.

Sob os reflexos de sua competência, esse modelo obteve confirmações positivas com índices de melhoria na qualidade dos serviços e no resultado de uma administração considerada de excelência que foi comprovada por organismos internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Dessa forma, o grande governador continua sua missão voltada não apenas para o desenvolvimento socioeconômico de seu estado, mas empenhado em projetos voltados para a elevação da cidadania da população mineira.

O fruto maior de sua exemplar história de vida constitui-se no trabalho sério, na dedicação ao desenvolvimento de Minas Gerais e a luta pela melhoria de vida da população desse estado.

Foi com essas virtudes que conquistou novamente o governo de Minas em 2006, sendo reeleito governador no primeiro turno das eleições, com 77,03% dos votos válidos, a maior votação da história.

Essa consagrada votação foi na verdade o julgamento do seu governo feito pelo povo mineiro.

Nesse atual governo tem prestado imensos serviços a população mineira, criando o

Choque de Gestão de Segunda Geração, mostrando que o governo vai trabalhar para garantir à população mineira melhor qualidade de vida.

Sua gestão tem sido referência para outros Estados e Município se copiado o exemplo mineiro de governar.

Vale destacar a sua capacidade em formar equipes e de trabalhar em prol do equilíbrio das finanças e dos investimentos em educação e segurança pública.

Imprescindível mencionar, por sua relevância, o papel de vossa excelência na modernização da gestão de pessoas com acompanhamento e avaliação dos resultados alcançados.

Seu governo pode ser destacado pelas boas práticas de gestão, com foco no longo prazo das políticas públicas, aliadas aos resultados de curto prazo - percebidos pela população.

Podemos citar exemplos como: - a Política de Desenvolvimento dos Servidores Estaduais - que mediante ações de capacitação, elevação de escolaridade e formação profissional desenvolveu conhecimentos, habilidades e atitudes junto à base dos servidores estaduais; o Programa de Desenvolvimento dos Gestores de Minas Gerais,

focado no desenvolvimento das competências específicas requeridas dos gestores estaduais; o Estado para Resultados, que estabeleceu a coordenação entre as ações dos diferentes órgãos e entidades do governo e a criação do Código Ético de Conduta que norteia a atuação dos servidores.

Estas, entre outras medidas do governo levaram a gestão eficiente dos recursos, garantindo à população serviços de qualidade concomitante à redução dos custos públicos, mas principalmente, a adoção de uma forma de pensar a gestão de pessoas na Administração Pública, cujo lema considero importante destacar: Pessoas instruídas, qualificadas e saudáveis.

O inovador conjunto de medidas para o desenvolvimento do capital humano, capitaneado pelo gestor público que hoje homenageamos, nos expõe um fato da realidade: é tão somente por meio das pessoas e com as pessoas que podemos cumprir a nossa missão democrática. Por todas essas inovações, a sua gestão de excelência serve de modelo para todos os estados da Federação.

Hoje o governador colhe os frutos de uma administração competente, sendo recentemente o mais bem avaliado governador do país.

Sua conduta demonstra sentimento de amor à vida, de busca pelo bem-estar social e de coragem ao empreender novos formatos sem deixar de lado os bons ensinamentos e as lições de experiência. Na linha do tempo de sua vida profissional, pessoal e política, não há mancha alguma. Seu notável currículo é digno de total admiração. V.Ex^a é um modelo de inspiração para nós, jovens políticos deste País.

Dias atrás, governador, nossa família relembrava alguns episódios ocorridos no Plenário do Senado, quando nossos avôs eram colegas. Mas um em especial ficou marcado para sempre na nossa memória: foi durante o célebre discurso de despedida do senador Tancredo Neves para assumir o governo do Estado de Minas Gerais.

Naquela sessão do dia 10 de março de 1983, 26 anos atrás, num aparte emocionado o meu avô, o ex-governador e ex-senador Lomanto Junior, dizia:

'Um dos pontos que a geografia afirma que nos separa é, talvez, um dos pontos que mais nos une - o Rio São Francisco, que nasce na sua terra. Sou um velho admirador de V.Ex^a. Os seus ensinamentos, a sua vida pública é um livro. É um roteiro para os que, como eu, iniciaram muito jovem a caminhada pelos difíceis e tortuosos caminhos da vida pública. Devo-lhe muitas lições; o seu exemplo, a sua altivez, o seu equilíbrio, a sua competência e seu amor à democracia são lições de vida para os que querem trilhar os caminhos da vida pública. V.Ex^a é a grande esperança do povo brasileiro. É aquele homem que se coloca numa posição que acredito seja a posição almejada por todo o povo brasileiro, que quer desenvolvimento com paz, que quer crescer, que quer progredir na base da concórdia.

A grande missão a ser cumprida em Minas Gerais não vai se limitar às fronteiras das Alterosas'

Nunca, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs Deputados, nunca essas palavras do meu avô foram tão atuais.

Faço minhas, governador Aécio Neves, as palavras de Lomanto Junior, dedicando essas mesmas palavras a V.Ex^a.

Agradeço do fundo do coração a sua presença e o parabênio pelas conquistas passadas e futuras, pois tenho certeza de que a V.Ex^a está reservado o mesmo destino

político de Tancredo Neves.

Muito obrigado. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Elmar Nascimento.

O Sr. ELMAR NASCIMENTO:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Marcelo Nilo; Sr. Governador do Estado de Minas Gerais e homenageado, Aécio Neves; Sr. Ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima; Sr. Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães Neto; 2º Vice-Presidente, representando o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer; Sr. 2º Vice-Presidente e desembargador Jerônimo dos Santos representando a presidente do Tribunal de Justiça, desembargadora Silvia Zarif; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Waldir Pires; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Antonio Imbassahy; Sr. Senador pelo Estado da Bahia Antonio Carlos Magalhães Junior; Sr. Senador pelo Estado da Bahia César Augusto Rabello Borges; Sr. Senador pelo Estado de Minas Gerais Eduardo Azeredo; Sr. Prefeito da cidade do Salvador, João Henrique de Barradas Carneiro; Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais e do colegiado dos presidentes das Assembleias Legislativas, deputado Alberto Pinto Coelho; Exmº Sr. Deputado Federal Rodrigo Maia, presidente nacional do Democratas; sua presença nesta Casa, Sr. Governador, mais do que honrá-la e nos honrar, dignifica-a e nos dignifica. De maneira que eu não sei, rigorosamente, quem está sendo o homenageado neste momento, se V.Exª ao receber, por mérito e muita justiça, o Título de Cidadão Baiano, ou o Palácio Luís Eduardo Magalhães.

Na verdade, a festa é sua, mas nós é que somos os presenteados. Duplamente presenteados, primeiro, por tê-lo hoje entre nós; segundo, pela felicidade de podermos oficializar sua condição de cidadão baiano, ou a sua baianidade, se preferir.

Digo oficializar, porque baiano de direito já são todos os vultos, quaisquer que sejam suas dimensões, que de alguma forma constroem a história e, como recompensa, a história os projeta ao longo dos séculos. V. Exª, apesar de novo ainda, já assegurou seu lugar na galeria dos construtores dos nossos tempos.

Já é, pois, um cidadão de todas as naturalidades: é mineiro, é baiano, é paulista, é carioca, é amazonense, não importa a terra onde tenha nascido.

Tanto quanto os mineiros, nós nos orgulhamos de V. Exª, não só por seu trabalho como administrador moderno e competente, na direção de um Estado de ponta como o Estado de Minas Gerais.

Ao dizer que nos orgulhamos de V. Exª como administrador, não posso me furtar ao dever de cotejar o seu trabalho com o trabalho de outro grande administrador, seguramente o maior que a Bahia já conheceu até os nossos dias: refiro-me, como todos sabemos, ao senador Antonio Carlos Magalhães, que governou o Estado por três vezes, deixando um legado de realizações jamais superado.

Começou o seu primeiro mandato como V. Exª, Sr. Governador, saneando as finanças públicas, enxugando a máquina administrativa e recuperando a credibilidade da Bahia.

Como V.Ex^a, Antonio Carlos Magalhães fez-se cercar dos melhores quadros administrativos, escolhidos criteriosamente por sua competência e aptidão para o trabalho, sem nenhum fisiologismo político, como, infelizmente, ainda ocorre hoje em diversas administrações públicas brasileiras.

Ele disse, ao assumir seu primeiro mandato, em janeiro de 1971: “Irei procurar os mais capazes onde estiverem, pois não se constrói sem o talento, sem o saber, sem a capacidade de trabalho e de comando”.

Entre suas principais obras, em seu primeiro mandato, destacou-se a construção do Centro Administrativo da Bahia, onde esta Casa está dignamente edificada.

Trata-se, como V. Ex^a deve ter percebido, embora de passagem, de uma moderna cidade administrativa, que descongestionou o Centro Histórico de Salvador, estabelecendo um novo vetor de expansão urbana, permitindo racionalizar os serviços públicos, reunindo-os num só local.

Parabenizo V. Ex^a pela iniciativa de também construir um Centro Administrativo em Belo Horizonte, equipamento que certamente o ajudará a aprofundar e consolidar seu programa Choque de Gestão de Segunda Geração, assegurando à população mineira serviços públicos de alta qualidade, com menores custos.

Mas, dizia eu, não é só como administrador que V. Ex^a nos orgulha. Orgulhamos, também, por sua atuação de político do diálogo e da conciliação, que nos lembra muito o patrono desta Casa, o pranteado Luís Eduardo, que tão cedo nos deixou, frustrando as esperanças de milhões de baianos que sonharam vê-lo num futuro bem próximo dirigindo os destinos da Nação.

O título que V. Ex^a recebe hoje conta com a chancela do Partido da República, por nossa iniciativa, o que muito nos honrou, aliás, com a chancela do PMDB, por intermédio do nobre deputado Leur Lomanto Júnior e com a chancela do Democratas, através do ilustre deputado Paulo Azi.

Como o governador pode ver, é uma iniciativa pluripartidária, acredito que sem precedentes na história desta Casa, mas que serve para demonstrar que, como Luís Eduardo, V.Ex^a tem trânsito livre em todos os túneis, ruas, avenidas, pontes e viadutos do mundo da política nacional.

Pise no acelerador e siga em frente, governador. Os sinais estão verdes para o senhor.

Mas, além de exemplo de administrador, além do político conciliador, há que se destacar em Aécio Neves a retidão de seu caráter de homem público criador e condutor de pacotes éticos que nos remetem e o remetem ao seu avô materno, o inesquecível presidente Tancredo Neves.

Mas, governador, devo destacar, ainda, o seu imenso apego às grandes causas públicas. V. Ex^a é um predestinado. É nesta condição e em nome de meus pares nesta Casa que o saúdo, na grata expectativa de que o título com que o homenageamos hoje não seja somente o testemunho do apreço e da consideração da Bahia e dos baianos de nascença a V. Ex^a, mas que sirva, também, de igual modo, para aproximar cada vez mais a Bahia de Minas, fortalecendo não apenas a nossa geografia física, já regada pelas águas do Velho Chico, que desce de sua terra mas, também, a nossa geografia política, nossa geografia econômica, artística e cultural, mas, principalmente, nossa geografia humana.

Apesar de suas semelhanças, inclusive em suas dessemelhanças, Bahia e Minas ainda guardam distâncias entre si que não se concebem nos dias de interação entre os povos, não raro até de etnias diferentes.

Eu não quero – e creio poder falar em nome da maioria dos baianos congêntos – que seu Título de Cidadão Baiano lhe sirva de um mero adereço a que outros se juntem para enriquecer a galeria de títulos que vossa excelência já fez e fará por merecer ao longo de sua vida pública.

Espero que ele guarde, intrinsecamente, o caráter de um documento de elevado valor sentimental que o faça transformar-se numa espécie de embaixador honorário dos baianos de lá junto aos mineiros daqui, e vice-versa, na mais perfeita e completa das reciprocidades possíveis.

Não tem porque dois estados vizinhos e com tanta identidade permanecerem ao longo de sua história como se fossem dois nichos fechados em si mesmos.

Eu me recordo do famoso e histórico convite feito a vossa excelência pelo seu saudoso avô Tancredo, pedindo-lhe deixar a boa vida de estudante universitário, aos 20 anos de idade, para trabalhar com ele:

“Quer deixar esta boa vida e vir conhecer o Brasil comigo?”

Não foi exatamente o que seu saudoso avô lhe perguntou?

Pois eu quero parodiar o presidente Tancredo e pedir a vossa excelência que à sua vida de encargos dos mais pesados vossa excelência se permita atribuir-se mais a bandeira de fazer com que mineiros e baianos se deem cada vez mais e melhor nos diversos setores da atividade humana.

Os baianos quase sempre nos vangloriamos das nossas tradições, do nosso patrimônio imaterial, da alma plural e singular de nossa gente, como se esses emblemas fossem exclusivos e bastassem à vaidade do coletivo.

Disso resulta a tendência natural, nem por isso, contudo, menos condenável, ao – perdoem-me pelo neologismo - ensimesmamento coletivo, cujo corolário mais pernicioso e mais frequente é o autismo, em suas mais variadas manifestações, sobretudo o autismo cultural de camadas inteiras da nossa população.

Senhoras e senhores,

Eu lhes pergunto: a nós bastam os cânticos das lavadeiras do Abaeté?

E lhes pergunto também: por que não conhecer cânticos iguais, de igual telurismo, das lavadeiras de Almenara, às bordas do Jequitinhonha, na terra do governador Aécio Neves?

Os tambores que rufam no Olodum são os mesmos tambores que rufam no congado, nos sítios históricos de Brumadinho, Machado, São João del-Rei, Pedro Leopoldo, São Sebastião do Paraíso, Uberlândia ou São Gonçalo, celebrando Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, festejada em Minas como protetora do lar.

É vossa excelência quem vai levar as relíquias da Bahia aos mineiros que veem, não sem razão, mas com certa dose de exclusivismo, na Igreja de São Francisco de Assis da Penitência, em Ouro Preto, e no Santuário do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas, as duas únicas maravilhas do mundo.

É preciso que os baianos sejam estimulados a conhecer mais e melhor o Brasil, de que Minas Gerais é um templo;

É preciso que os mineiros também sejam estimulados a conhecer mais e melhor o Brasil, de que a Bahia é um santuário.

Está em suas mãos, governador Aécio Neves, não apenas o título de Cidadão Baiano, mas, sobretudo, a responsabilidade, a imensa responsabilidade de aproximar mais e mais baianos de mineiros e mineiros de baianos.

Vejam os senhores que alguns músicos e conjuntos musicais mineiros de projeção nacional e internacional como Milton Nascimento, Tavinho Moura, Wagner Tiso, Lô Borges, Beto Guedes, Flávio Venturini, Toninho Horta, Skank, Patu Fu, Jota Quest, os corais Ars Nova e Madrigal Renascentista, por exemplo, dificilmente se apresentam na Bahia, muitos deles nem sequer conhecem a capital baiana. O mesmo acontece em relação aos músicos e outros artistas baianos em Minas.

Muitos dos mais destacados Intelectuais mineiros, como Carlos Drummond de Andrade, Belmiro Braga, Ciro dos Anjos, Albert Campos, Pedro Nava, João Alphonsus, Abgard Renault, Fernando Sabino, Murilo Rubião, Afonso Romano de Santana, Afonso Arinos de Melo Franco, Ziraldo, Paulo Mendes Campos e Enfil, entre outros, morreram sem ter conhecido a Bahia, nem mesmo como turistas, mais uma vez, na mais constrangedora das reciprocidades. É inadmissível.

Mineiros e baianos sofrem com o autismo coletivo que os coloca na posição de nada enxergarem além de seus próprios umbigos.

Por que, eu lhes pergunto, o baiano deve morrer sem conhecer os quitutes de dona Lucinha Nunes?

Por que o mineiro deve morrer sem provar o acarajé de Dadá?

Por que o baiano não pode ouvir ao vivo a orquestra Ribeiro Bastos e o mineiro, a Oficina de Frevos e Dobrados, do maestro Fred Dantas?

Os baianos precisam conhecer, in loco, as obras dos arquitetos mineiros Alfredo Maristof, Ângelo Murgel, Roberto Capello, Luís Pinto Coelho e Raffaello Berti, entre outros;

Precisam conhecer as obras da Pampulha, depois de Brasília, sem dúvida um dos grandes feitos do presidente Juscelino, com a ajuda das mãos abençoadas de Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Sílvio Vasconcelos e Burle Marx.

Os mineiros, do mesmo modo, precisam conhecer o legado dos arquitetos baianos Lelé, David Bastos, Naia Alban, Gilbertbet Chaves, Fernando Peixoto e Pasqualino Romano Magnavita.

Traga-nos, governador Aécio Neves. os artistas plásticos de Minas. Traga-nos a visão cruel e pessimista do Brasil de Farnese de Andrade; as sutilezas de Fernando Pacheco; a geometria de Manfredo de Souza Neto.

São tantas as cobranças, governador, que a esta altura V.Ex^a já deve estar arrependido de ter aceito tão pesada e custosa honraria.

No entanto, eu não estaria cobrando nada de quem não tivesse com o que pagar, mas V.Ex^a tem a credenciá-lo no Brasil um patrimônio de realizações que o diferencia dos demais governadores do País e que deve ser dividido com os demais brasileiros.

Aécio Neves não pode pertencer apenas aos mineiros nem apenas aos baianos por adoção: ele é do Brasil.

Afinal, quem nasceu com o destino de ser o rio da unidade nacional – como o São Francisco – não pode aceitar os limites de nenhuma serra, ainda que seja a Serra

da Canastra.

V.Ex^a, não tenho a menor dúvida, vai fazer de tudo para que se reduzam as distâncias que tanto separam não só mineiros de baianos, como sulistas de nortistas, pobres de ricos, afortunados de miseráveis, por este Brasil de tantos brasis afora.

Encerro pedindo a Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, a Nossa Senhora da Conceição, padroeira dos baianos, e ao Nosso Senhor do Bonfim que olhem por nós, baianos, mineiros e brasileiros, enfim, que proteja esse grande homem público, governador Aécio Neves, predestinado a dirigir os destinos de nossa Pátria.

Muito obrigado.” (Muitas Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o nobre deputado Paulo Azi, meu querido amigo.

O Sr. PAULO AZI:- Sr. Presidente desta Casa, deputado Marcelo Nilo, autoridades presentes, minhas senhoras, meus senhores, (lê) “No decorrer da História deste Poder muitas personalidades já tiveram seus nomes inscritos nos Anais desta Casa Legislativa com o honroso título de cidadãos e cidadãs da Bahia. Homens e mulheres que por suas ações e amizade à Bahia mereceram essa digna e solene homenagem.

Hoje mais uma vez esta Assembleia se reúne para acolher como cidadão um dileto admirador e amigo da Bahia. Um homem com uma brilhante caminhada de vida e participação significativa na História contemporânea do nosso País.

A homenagem que prestamos hoje é ao Sr. Aécio Cunha Neves, o jovem, corajoso e determinado governador do Estado de Minas Gerais, com o qual a Bahia mantém profundos e inabaláveis laços de fraternidade.

Numa época em que a classe política enfrenta mais uma vez desgastes junto à sociedade, a concessão do Título de Cidadão Baiano ao governador Aécio Neves merece uma reflexão especial por parte de todos nós que militamos na vida pública. Como político e administrador, o governador de Minas Gerais é um exemplo, é uma referência de vida dedicada ao desenvolvimento do seu Estado e do Brasil.

Ao assumir o governo estadual pela primeira vez, em 2003, Aécio Neves encontrou Minas Gerais em um estado de letargia social e imobilidade financeira, onde a receita do estado era insuficiente para pagar a folha do funcionalismo público.

Iniciava-se uma administração preocupada em construir o presente acreditando no futuro, onde o fisiologismo e o apadrinhamento político dão lugar a conceitos de eficiência, competência técnica e produtividade, próprios de uma gestão moderna e inovadora. As finanças de Minas Gerais foram recuperadas e os mineiros souberam reconhecer o seu esforço, ao reelegê-lo com quase oitenta por centos dos votos válidos.

Hoje, Minas Gerais colhe os frutos: todos os seus indicadores sociais e econômicos avançam muito além da média nacional. A qualidade dos serviços públicos de saúde, educação e segurança melhoram a cada dia, ações em infra-estrutura se espalham por todos os mais de oitocentos municípios mineiros, construindo os caminhos do desenvolvimento e os alicerces do futuro.

Nem a crise financeira mundial que impôs a Minas dentre todos os estados da federação, aquele de maior perda de receita, foi capaz de desvia-la do seu rumo. Pelo

contrário, em Minas Gerais não se tem notícia de falta de pagamento dos seus fornecedores, não se paralisou obras, não se freou os investimentos, não se deixou de pavimentar a estrada do otimismo e da esperança do seu povo.

Senhor Presidente,

Minhas senhoras e meus senhores.

Falo agora do político Aécio Neves, um homem cujo destino reservou a responsabilidade de ser neto do inesquecível presidente Tancredo Neves, este homem que inaugurou o renascer da democracia mudando a história política do Brasil e que nos proporcionou momentos de intensa alegria e de profundo sofrimento.

Por certo foi o jovem Aécio, sempre ao lado do seu querido avô, aquele que vivenciou com mais intensidade as contradições desses sentimentos testemunhando um momento Histórico que está definitivamente gravado na alma do povo brasileiro. Aécio Neves trás do seu avô os traços de uma personalidade forte, determinada, mas ao mesmo tempo a discrição própria dos mineiros.

O meu saudoso pai, o deputado federal Jairo Azi seu colega na Câmara Federal já me relatava as características daquele jovem deputado. Esse menino vai longe, dizia ele, impressionado com o político hábil, corajoso, articulado, conciliador, que dialogava com os contrários, buscava o entendimento, mas jamais se afastava dos seus princípios e ideais e sempre cumpria com a palavra empenhada. Nesse momento lembro da figura de um baiano que carregou esses mesmos traços na sua personalidade e que ao partir levou consigo muito dos sonhos e da esperança do nosso povo. Refiro-me ao Deputado Luiz Eduardo Magalhães.

Minhas senhoras, meus senhores.

Visitei há poucos dias a querida cidade de Belo Horizonte, conversei com políticos, empresários, com gente do povo, o taxista, a camareira do Hotel, o garçom, o estudante. Governador, V.Ex^a beira à unanimidade. Como é bom e gratificante ver um governante, um político reconhecido e admirado pelo seu povo. Os mineiros estão felizes e orgulhosos, falam de boca cheia, porque sabem que têm o melhor governador do Brasil.(Palmas)

Governador Aécio Neves, V.Ex^a com seu carisma e estilo agregador conseguiu reunir nesta solenidade as principais lideranças políticas da Bahia, de todas as correntes, de diferentes partidos. Aqui estão o ex-governador Paulo Souto; o ex-governador Waldir Pires; o prefeito da nossa capital, João Henrique; o ex-prefeito Antônio Imbassahy; os senadores da República: César Borges e Antônio Carlos Magalhães Junior.

Aqui está a maioria esmagadora dos nossos deputados federais; dos nossos companheiros, deputados estaduais; prefeitos de todos os rincões do nosso Estado e eu cito, com muito carinho, o prefeito da minha querida Alagoinhas; o prefeito Paulo César, do partido de V.Ex^a; vereadores; lideranças políticas; o povo, que veio se juntar a expressivas lideranças políticas do nosso país, a exemplo do presidente nacional do meu partido, deputado Rodrigo Maia; do senador da república, Eduardo Azeredo; de colegas parlamentares de Minas Gerais e de outros estados.

Estão todos aqui, governador, para abraçá-lo e homenageá-lo. Aécio Neves, cidadão baiano. Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças do Cônsul de Portugal, João Sabido; do Secretário de governo do estado de Minas Gerais, Danilo de Castro; dos vereadores de Belo Horizonte: Iran Barbosa e Pablo César; dos vereadores de Salvador: Palhinha, Paulo Magalhães e Jorge Jambeiro; do ex-senador, Luiz Viana Neto; dos ex-deputados: Domingos Leonelli, hoje Secretário de Turismo do governo Jaques Wagner; Genebaldo Correia; Zezito Pena; Marcelo Sacramento; meu querido amigo, deputado Nestor Duarte; Leur Lomanto; Gildásio Penedo Filho; Everton Almeida; José Ronaldo; José das Virgens, hoje prefeito da cidade de Irecê; Armando Lessa; Tarcízio Pimenta, hoje prefeito da cidade de Feira de Santana; Luiz Amaral, hoje prefeito da cidade de Jequié e meu querido amigo Paulo César, hoje prefeito da cidade de Alagoinhas.

Eu convido os Srs. Deputados Leur Lomanto, Elmar Nascimento e Paulo Azi para juntos entregarmos ao governador do estado de Minas Gerais o *Kit* de cidadão baiano que foi concedido pela Assembleia Legislativa do estado da Bahia. (Palmas!)

(Entrega do título de Cidadão Baiano a Aécio Neves.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao baiano governador Aécio Neves.

O Sr. AÉCIO NEVES:- Meu boa-tarde a todas as senhoras, a todos os senhores. Permitam-me saudar desde já o ilustre presidente desta Casa, deputado e amigo Marcelo Nilo. Também de forma especial meu colega, Líder do Congresso Nacional, ministro de Estado, amigo Geddel Vieira Lima. Quero saudar de forma especial aos “três mosqueteiros” que tiveram ousadia de transformar este mineiro, a partir de hoje, em Cidadão Baiano. Meu agradecimento pessoal aos deputados Leur Lomanto, Elmar Nascimento e Paulo Azi.

Quero saudar o Sr. Desembargador Jerônimo dos Santos, aqui representando o Tribunal de Justiça da Bahia, cumprimentar e saudar o presidente nacional do Democratas, amigo e deputado Rodrigo Maia, cuja presença aqui, hoje, muito nos honra. De forma especialíssima, foi para mim uma alegria imensa rever aqui esse velho amigo, essa extraordinária liderança política do Brasil, fraterno amigo do meu avô, de quem ministro foi, o governador Waldir Pires. (Palmas)

Da mesma forma, uma saudação, também muito especial a outros três ex-governadores, que fizeram história na Bahia e que aqui dão, com suas presenças, uma dimensão muito maior a essa solenidade. Refiro-me aos amigos e ex-governadores Paulo Souto, César Borges e Antonio Imbassahy, hoje presidente do meu partido.

Também meus cumprimentos aos senadores da República que, com muita honra para mim, compõem essa Mesa: Antonio Carlos Magalhães Júnior e o senador por Minas Gerais, ex-governador do nosso Estado, Eduardo Azeredo.

Quero saudar também, de forma afetuosa e fraterna, a presença nessa Mesa daquele que, para mim, sem favor algum é uma das melhores cabeças políticas e revelações da nova geração de brasileiros. Refiro-me ao segundo presidente da Câmara dos Deputados, o deputado ACM Neto.

Quero, também, saudar e cumprimentar o ilustre prefeito de Salvador, João Henrique Carneiro, com quem tive oportunidade, em outros momentos, de trocar ideias importantes sobre administração pública e sobre gestão. Aqui presente, permitam-me

apresentar aos baianos, que ainda não o conhecem, uma grande figura da vida pública mineira, o presidente da Assembleia Legislativa do Estado, o deputado Alberto Pinto Coelho.

Correndo, já de início, o seríssimo risco de abusar da paciência de cada um de vocês, mas ao ver aqui a lista dos parlamentares, em primeiro lugar federais, depois estaduais, presentes a esta cerimônia, eu na verdade me reencontrei com a minha própria história. São amigos e companheiros com os quais eu tive o privilégio de conviver num dos momentos mais importantes da minha trajetória política, os meus 16 anos de Parlamento. Permitam-me citá-los e agradecer a cada um deles, de partidos políticos dos mais diversos, mas todos muitos próximos do meu afeto e do meu respeito, os deputados: Colbert Martins, Fábio Souto, João Bacelar, o correligionário João Almeida, grande líder da Câmara dos Deputados, José Carlos Aleluia, José Carlos Araújo, José Rocha, Jutahy Júnior, que me sucedeu na Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados, quando assumi, pela generosidade dos meus pares, a Presidência daquela Casa; Lídice da Mata, Luís Carreira, amigo Mário Negromonte, deputado Maurício Trindade e também o deputado e amigo Paulo Magalhães.

Também para mim, de forma inesperada, vejo a presença de inúmeros parlamentares estaduais da Bahia neste Plenário. Permitam-me agradecer individualmente a cada um dos deles, deputados Aderbal Fulco Caldas, Álvaro Gomes, Antônia Pedrosa, Capitão Tadeu, Clóvis Ferraz, Emério Resedá, Euclides Fernandes, Ferreira Ottomar, Fernando Torres, Gaban, Gildásio Penedo Filho, Heraldo Rocha, José Nunes, Luiz Argôlo, Luiz de Deus, Maria Luiza Laudano, Misael Neto, Paulo Câmara, Reinaldo Braga, Sérgio Passos e Virgínia Hagge. Se cometi alguma omissão, por favor, responsabilizem a nossa assessoria.

Não voltaria tranquilo para Minas Gerais se deixasse de agradecer também a presença de muitos parlamentares mineiros que me surpreenderam quando cheguei, pois não sabia que estariam aqui. Permitam-me agradecer as presenças dos Srs. Deputados Federais por Minas Gerais: Carlos Melles, presidente do Democratas; Inácio Rodrigues, Paulo Abi Ackel, presidente do meu partido; Rafael Guerra, 1º secretário da Câmara Federal; Rodrigo de Castro, secretário geral nacional do PSDB; Sr. Deputado Antônio Roberto, Sr. Deputado Ciro Pedrosa, e ainda os Srs. Deputados e Sr^{as} Deputadas estaduais Ana Maria Diniz Pinheiro, Gil Pereira, Alencar da Silveira, Gustavo Valadares, Jairo Lessa e Ciro Pedrosa.

Na verdade, hoje, há um sentimento diferente dos muitos que senti ao longo dessa minha caminhada, que não é tão curta, são quase 30 anos de militância política. O sentimento que toma conta de mim, neste instante, talvez, seja difícil de dimensionar. Sinceramente, não sei se é o orgulho cívico por esta homenagem tão expressiva, se a reverência política, se o agradecimento pela honraria, ou se uma grande e generosa esperança.

Chamou-me, portanto, o povo deste lugar mágico em que o Brasil foi concebido para transformar-me um cidadão destas terras. Portanto, ver aqui nesta homenagem lideranças municipais, prefeitos, vereadores, ex-parlamentares - me permitam homenagear a todos na figura de um fraterno amigo, ex-deputado Leur Lomanto, tudo isso traz uma carga para mim, repito, absolutamente singular. (Palmas)

Acreditem que não me emociono facilmente em ocasiões públicas, procuro pelo

menos não fazê-lo, mas, hoje, estou emocionado. Creiam nisso. Sinto, aqui dentro, que de alguma forma à Bahia eu já pertencia, como pertencem todos os brasileiros. No meu caso, ainda um pouco mais. Meu pai, Aécio, e meu avô paterno, Tristão da Cunha, nasceram em quase Bahia, entre os rios Mucuri e Jequitinhonha, que lhes levam nossas águas.

No Norte de Minas, e aqui estão vários representantes dessa região, nos sertões e caatingas que se espraia de Montes Claros para penetrar na Bahia do Sul, a nossa humanidade mineira e baiana é uma só.

Os seus habitantes comungam dessa realidade, e se identificam como baianos - baianos e mineiros, misturados que são pelo sol escaldante, pela aridez da terra, pela luta incessante pelo trabalho, personagens fantásticos que descem e sobem o São Francisco.

Mas os nossos laços vão além. Muito além.

Companheira de Minas nas conspirações pela autonomia nacional, a Bahia confirmará, no sangue de seus mártires, entre eles, Joana Angélica, a independência da Pátria. É natural que, entre os heróis daquelas batalhas memoráveis, a Bahia lembre o corneteiro Luís Lopes, que com seu toque de “Avançar, cavalaria” dispersou os portugueses do general Madeira.

Na decisão daquele minuto, o português Luís Lopes se tornou baiano, isto é, convocou a audácia para suprir a inferioridade dos brasileiros no combate de Pirajá.

E o que dizer de Maria Quitéria, a combatente que se vestiu de homem a fim de se alistar entre os voluntários da independência na Bahia?

Ao revelar-se sua condição feminina, permaneceu entre as tropas, e nelas se destacou pela bravura, reconhecida por Pedro I, que a condecorou pessoalmente com a Ordem Imperial do Cruzeiro.

Nesta heroína é provável que o mineiro Guimarães Rosa se tenha inspirado, a fim de compor, em sua ficção, a mágica personagem de Diadorim, em “Grande Sertão: Veredas”.

E se a Bahia tem essa dimensão, é porque a Bahia jamais deixou de sonhar o Brasil.

Sonhou com a liberdade, desde os cáusticos versos de Gregório de Matos aos romances de Jorge Amado e às canções de Dorival Caymmi.

Transformou o Brasil com a irreverência da Tropicália e de seus geniais talentos.

E noto que, no fundo deles, de todos eles, há sempre a emblemática presença do mar.

Com o sal do mar se fazem os personagens de Jorge Amado, do menino Pedro Bala, capitão da areia, ao capitão de longo curso Vasco Moscoso do Aragoão.

É em Barravento que emerge do mar o talento avassalador de Gláuber Rocha.

É o mar, caminho forçado dos escravos, que serve de painel ao grande poema de Castro Alves, Navio Negreiro.

E há os baianos desse nosso tempo.

Concedam-me lembrar Rômulo de Almeida, presente nas tarefas de planejamento da economia de Estado desde os anos 30.

Outro imenso homem da Bahia foi o educador Anísio Teixeira. A Escola Nova revolucionou a educação no Brasil, ao introduzir nas salas de aula pela primeira vez o

estímulo ao pensamento criativo, especulativo, em lugar da simples memorização.

Lembro-me da emblemática e inesquecível presença intelectual de Milton Santos, uma referência mundial em geografia e humanismo.

Poderia citar aqui outras grandes lideranças de tempos mais recentes.

Inclusive algumas que já não estão mais entre nós, que, independentemente do partido político ou viés ideológico, ajudaram, com seu talento e coragem, a construir a Bahia e o Brasil de hoje.”

Permito-me lembrá-las todas a figura de um amigo querido do meu tempo, com quem muito aprendi no Congresso Nacional, sobretudo a respeitar e a dialogar, aquele que dá nome a este Palácio, o ex-deputado Luís Eduardo Magalhães. (Palmas)

(Lê) “E volto no tempo para lembrar que a Bahia é Rui Barbosa. Foi ele o primeiro a expor, diante dos grandes países do mundo, o direito de igualdade entre as nações, grandes e pequenas.

Por tudo isso, meus amigos, a Bahia, na verdade, não pertence apenas aos baianos, porque tem alma nacional.

O generoso compartilhamento de ideias e da diversidade que ela tradicionalmente abriga tem ajudado a diversas gerações de brasileiros a melhor compreendermos o nosso mundo e a melhor nos comprometermos com ele.

Meus amigos, minhas amigas, olho a história e constato que, se os nossos grandiosos desafios básicos não mudaram, outros graves se avolumam e ganham escala ainda maior.

Deles floresce um novo sentido para a nossa consciência coletiva. Do nosso “estar” no mundo.

Convivemos hoje, sabe bem os senhores, com dramas como o aquecimento global, as mudanças climáticas, a crescente escassez de água e a perda da biodiversidade.

Convivemos com a fome que se alastra por diversas regiões do planeta, em escala sem precedentes.

O abalo econômico recente, desestruturando, em poucos dias, corporações que pareciam sólidas e feitas para durar séculos, retrata, de forma dramática, a fragilidade das instituições humanas.

Enganam-se aqueles que ainda teimam em circunscrever a crise ao campo financeiro e econômico, quando há, nela, um grave componente ambiental e humano.

Estudos confiáveis indicam que o consumo global de bens e serviços já ultrapassou em 30% a capacidade de regeneração natural do planeta.

Ao mesmo tempo, dois bilhões de seres humanos, principalmente na África, Ásia e América Latina, ainda sobrevivem abaixo da linha de pobreza e alheios aos mercados formais.

Por outro lado, com uma nova visão de mundo ou por força das crises, a globalização altera radicalmente as relações internacionais, criando, como nunca se viu, complexa interdependência das nações.

Ela nos impõe, a todos os povos, antes dos laços de comércio, um novo desafio:

Temos o imperativo ético, moral e de sobrevivência de buscarmos uma autêntica e necessária solidariedade global.

Ou construímos essa solidariedade, para além das fronteiras tradicionais, ou

iremos naufragar juntos, mais cedo ou mais tarde, na fragilidade ambiental e social do mundo que estamos construindo.

Do ponto de vista do nosso Brasil, não há dúvida de que nas últimas duas décadas demos um salto notável.

Mais do que nos dedicarmos ao confronto e comparações entre períodos de governo, deveríamos amigos e amigas, partir da compreensão de que o Brasil vem vivendo, como jamais viveu em nossa história contemporânea, um período contínuo, longo de avanços.

Avanços, me permitam dizer, que se iniciaram ainda no governo de Itamar Franco, - pouco lembrado, - com a elaboração do Plano Real, tendo Fernando Henrique Cardoso à frente Ministério da Fazenda.

Já no governo Fernando Henrique conquistamos a estabilidade econômica pondo fim à inflação, modernizamos a economia, melhoramos sensivelmente a qualidade dos serviços e estabelecemos novos marcos regulatórios.

Enfrentamos, vencemos e aprendemos com três graves crises internacionais. Renegociamos as dívidas dos estados e de inúmeros municípios, e implantamos um paradigma novo de gestão dos governos com a Lei de responsabilidade Fiscal. Fundamos uma extensa rede de proteção social no País e os primeiros programas de transferência de renda como o Bolsa Escola, o Bolsa Alimentação, o Vale Gás e o inovador Comunidade Solidária de dona Ruth Cardoso, cuja memória nos ilumina até hoje. (Palmas)

Depois, fizemos avançar um dos maiores programas de saúde preventiva do mundo, o saúde da família.

E aí vieram o combate à AIDS e os genéricos, com a conhecida competência do ministro José Serra. (Palmas)

A aposentadoria rural, a lei de assistência social, o avanço da educação básica foram, todos eles, programas fundamentais ao Brasil de hoje.

Ainda no governo Fernando Henrique são concebidos os pilares macroeconômicos fundamentais à consolidação da estabilidade, como câmbio flutuante, as metas de inflação e o superávit primário.

Veio o governo do presidente Lula e, de forma responsável, e desta tribuna, quero dizê-lo, mantém intocados esses pilares e permite, abençoado por um longo período de expansão econômica, a ampliação dos programas de transferência de renda, hoje incorporados de forma definitiva à realidade econômica e social do Brasil, em especial de suas regiões menos desenvolvidas.

Essa, senhoras e senhores é a realidade. E não se desmente a história.

É ato inútil, portanto, nos atirmos a cotoveladas em busca da paternidade e do reconhecimento público. Da mesma forma, é inútil acharmos que os avanços que conquistamos são obra de um só governo, de um só partido, quaisquer que sejam, eles.

Somos hoje, o resultado do trabalho de diversos governos e, em especial, do esforço da sociedade brasileira.

E podemos, senhoras e senhores, ver avanços por todos os campos.

A produção multiplicou-se; tornamo-nos auto-suficientes em petróleo e construímos as grandes usinas hidrelétricas.

Plantamos universidades por todo o território nacional e obtivemos conquistas notáveis na ciência e na tecnologia.

Estamos desenvolvendo no Brasil projetos fascinantes em todos os campos do conhecimento, sobretudo, no campo da bioquímica e biogenética.

Na produção de alimentos, somos mais competitivos do que jamais fomos em qualquer tempo.

Na inteligência e no sentimento de nacionalidade, somos um país sem dissensões.

No entanto, tudo o que juntos fomos capazes de construir até agora, não nos recomenda tranquilidade. Não é suficiente para termos o país que queremos e precisamos ter.

Vejam os senhores...

Com todos esses avanços, 32 milhões de toneladas de alimentos da produção agrícola brasileira acabam no lixo, todos os anos, enquanto ainda há fome no País.

Com a maior reserva de água doce do planeta, desperdiçamos 40% do que produzimos e jogamos 80% de todos os resíduos em mares e rios.

O desperdício anual de energia no Brasil Senhor Presidente, gera um prejuízo acima de R\$ 11 bilhões anuais, suficiente para abastecer uma cidade como o Rio de Janeiro, durante o mesmo período.

Se crescermos, e vejamos que contradição, a um patamar superior a 5%, pode não haver energia para suprir a demanda das empresas, nos próximos anos.

Apesar dos avanços, continuamos desmatando de forma irresponsável, no Brasil.

Apenas metade da população brasileira tem acesso ao saneamento básico.

Temos um dos mais elevados índices de homicídios do mundo, com mais de 48 mil mortes a cada ano, segundo a ONU.

Cerca de cinco mil brasileiros morrem todos os anos nas nossas rodovias pessimamente cuidadas.

Temos ainda 14 milhões de analfabetos, população maior que a de muitos países do mundo.

Nossa escolaridade não supera os 7 anos, contra os 13 anos do nosso vizinho Chile, por exemplo.

Muitos dos nossos alunos, quase 10%, e são dados oficiais, alcançam a 8ª série sem saber ler fluentemente.

A repetência escolar custa ao Brasil, hoje, oito bilhões de reais, todos os anos.

Dois milhões de brasileiros estão desempregados só nas regiões metropolitanas.

Metade da economia permanece na informalidade.

E protagonizamos uma das cargas tributárias mais altas e perversas do planeta.

Segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas, perdemos, em produtividade, provocada pelas fraudes e corrupção no sistema governamental brasileiro, todos os anos, cerca de 3,5 bilhões de dólares.

Gastamos mais do que poderíamos e deveríamos, no entanto não conseguimos investir nem sequer 1% do nosso Produto Interno Bruto.

Entre os Países da América Latina, somos o que menos investe o resultado dos impostos que arrecadamos – apenas 8, 7%.

Praticamente a metade de países vizinhos como a Argentina, o Chile e a Venezuela.

Os colombianos investem 37,6% do que arrecadam. O México, 24,2%. E nós – insisto – apenas 8,7%.

As empresas brasileiras deixam de faturar cerca de US\$ 40 bilhões ao ano por conta dos custos elevados e da precariedade da infraestrutura de transporte e logística no País.

Estima-se que precisaremos investir algo em torno de R\$ 1 trilhão de reais, em dez anos, para mudar esse cenário de múltiplos *déficits* em infraestrutura. Ou 108,4 bilhões em sistemas de energia, transporte, saneamento e telecomunicações por ano, ao longo de, pelo menos, uma década, sem interrupção, para evitar gargalos ao crescimento econômico, segundo cálculo da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base.

Tudo isso, senhoras e senhores, me permito dizer, é produto de gestão.

É produto do que fizeram e fazem os diferentes governos. E do nosso modelo de desenvolvimento.

Ainda hoje, vejam as senhoras e os senhores, os 10% mais ricos do país concentram 75% da riqueza nacional, de acordo com o IPEA.

E contraditoriamente, os 10%, lá debaixo da pirâmide, mais pobres comprometem 33% de seus rendimentos com tributos, enquanto os 10% mais ricos pagam apenas 22%.

Essa é a realidade concreta que nos desafia.

Superar problemas dessa dimensão e magnitude não é uma questão de mera boa vontade ou de boas intenções...

Não é um problema do presidente Lula. Desse ou daquele partido.

Desculpem-me, se retorno ao ponto crucial do problema.

Entendo que só seremos capazes de finalmente atravessar a fronteira para um outro patamar, o pleno desenvolvimento, se nos permitirmos enfrentar as grandes questões nacionais com um sentido novo de responsabilidade compartilhada. Esse é o ponto.

Com mais solidariedade política e maturidade para fazermos, com coragem, o que ainda precisa ser feito.”

Devemos, amigos conterrâneos baianos, aos brasileiros de toda as partes deste imenso País esse gesto.

(Lê) “Eles esperam de nós mais do que temos sido capazes de entregar.

Essa consciência nos exige ainda mais rigor e foco no projeto nacional que sonhamos há décadas, tantas e tantas vezes adiado pelas circunstâncias econômicas ou, muitas vezes, pelo conformismo político.

Para realizá-lo devemos à nossa gente respostas capazes de tirar do papel o conjunto de reformas imprescindíveis que todos já conhecemos.

Reformas que não são deste ou daquele governo, mas do Estado brasileiro. E assim deve ser compreendidas.

Não poderemos mais fugir de uma profunda modernização dos processos de gestão pública...

Há, no entanto, uma outra reforma que deveria preceder a todas as demais, como

pilar de um Brasil novo.

Trata-se – e tenho me batido...”, caríssimo ministro Geddel, Srs. Governadores, Sr. Parlamentares – “me batido muito por isso – da recuperação dos princípios que moveram a República e o Federalismo no país.

Eles praticamente morreram sob a égide da concentração de poder e da irremediável subordinação dos entes federados.

Hoje, meus amigos da Bahia, vivemos a mais grave concentração de impostos, recursos e poder de decisão na esfera da união de nossa história. Quase 70% de tudo que se arrecada no país estão sob a guarda direta do governo central.”

E, mais uma vez fazendo justiça, não foi um processo que iniciou neste governo, mas que ao longo dos últimos governos vem se acumulando de forma extremamente preocupante.

(Lê) “Como, então, ser o País das oportunidades, se elas florescem aqui, acolá, distantes de Brasília, mas é lá que permanecem as decisões sobre o que fazer?

Precisamos de um projeto que liberte das amarras não apenas o Brasil do Centro-Sul, mas principalmente o Brasil do Norte e do Nordeste.

Precisamos de um projeto que permita, de forma descentralizada, que cada região possa transformar suas vocações e suas competências em efetiva riqueza, distribuída de forma equânime, democrática e, portanto, socialmente justa e pacífica.

Para dar substância e concretude a essa tarefa, o País nos exige mais desprendimento e mais generosidade.

Mas nos exige, também, responsabilidade política.

Não seremos capazes de construir um País mais justo e mais igual apenas e tão somente com políticas de transferência de renda.

Devemos, é claro, fazê-lo e nos orgulhamos, nós, do PSDB, ao lado dos nossos aliados, de tê-las iniciado.

Mas o alcance da equidade nos exige muito mais que isso.

Em Minas Gerais, meus amigos – permitam-me este breve retorno à minha terra –, essa é a ideia-força que tem nos movido, o tempo inteiro.

O ‘choque de gestão’, tão propalado, que desenvolvemos nos princípios de governança jamais teve o objetivo de apenas sanear as contas públicas.

Deixamos para trás uma década e meia de déficits e garantimos investimentos, que este ano chegarão a 11 bilhões de reais, para melhorar a vida das pessoas em todas as regiões do Estado.

Recuperando a capacidade de articulação do Estado e com um novo modelo de gestão, atraímos cerca de 200 bilhões de reais em novos investimentos e somos hoje o segundo polo gerador de empregos no País.

Até o ano que vem terminaremos, caríssimo Líder Aleluia, de asfaltar todos os acessos às cidades antes só ligadas por terra. Eram 229 quando assumimos o governo.

Nossa infraestrutura está sendo recuperada e modernizada.

A telefonia móvel está presente em 100% das nossas 853 cidades, através de uma inédita parceria Público-Privada.

A energia alcança todas as propriedades urbanas e rurais do Estado.

Fazemos o maior investimento de toda a nossa história em saneamento básico.

E, evidentemente, tudo isso repercute sobre os nossos indicadores sociais.

As taxas de mortalidade infantil de Minas Gerais e dos nossos municípios do semiárido vêm caindo sistematicamente e estão hoje bem abaixo da média nacional, inclusive nas regiões mais pobres do Estado.

A desnutrição no semiárido decresceu em 50% em 2007, comparado a 2004. Reduzimos, e chamo à atenção para esse dado, os indicadores de criminalidade violenta a patamares registrados há cerca de 10 anos. De 2003 a 2008, a redução foi de 36% no Estado e alcançou 51% na Região Metropolitana de Belo Horizonte...” Mais uma vez gestão e planejamento. (Palmas)

(Lê) “Voltamos a pontuar entre os primeiros lugares nos índices nacionais que medem o desenvolvimento da educação no País, desde 2005.

Mais de 76% das escolas estaduais em Minas apresentaram resultados superiores à média das escolas estaduais brasileiras, inclusive às dos nossos vales do Jequitinhonha e do Mucuri, onde o IDH se equivale ao do Nordeste brasileiro.

Portanto, senhoras e senhores, fruto dos esforços de parcerias entre as diversas instâncias de governo e a sociedade organizada...” Segundo dados do IBGE, desde 2003, Minas reduziu em 36% o número de pobres em seus 853 municípios.

No entanto, quero aqui deixar uma confissão. Entre todos os saldos desta gestão compartilhada, inclusive com a presença de lideranças de todos os partidos que aqui nos apoiam, o que mais me orgulha, como administrador e como homem público, é constatar que fazemos hoje nas regiões mais pobres de Minas o dobro do investimento *per capita* em saúde e em educação que fazemos no restante do Estado. Quem sabe essa seja uma boa experiência para o Brasil.

(Lê) “E o fazemos, porque entendo que esse é o único caminho que nos levará a uma tardia, mas necessária equalização do processo de desenvolvimento nacional.

Senhoras e senhores, não podemos mais ignorar que os indicadores do nosso recente crescimento ainda convivem com uma realidade social dramática e inaceitável.

Se falta ao Brasil um sentido de ampla participação, também tem faltado, em todos os níveis do setor público, um parâmetro mais elevado de eficiência, além de um inadiável compartilhamento de responsabilidades entre as diversas esferas de governo.

Temos que enfrentar as distorções históricas que ainda impedem o crescimento sustentado do país.

Basta ver que no mais formidável ciclo de prosperidade recente do mundo estivemos quase sempre atrás da média mundial e da média da América Latina.

Quando reagimos, empurrados pelo preço favorável das *commodities*, fomos colhidos pela crise internacional e então perdemos cerca de 800 mil empregos.

Não podemos, amigos e amigas, perder de vista a realidade.

Se a busca do equilíbrio da balança de pagamentos, a inflação sob controle e o corte das taxas de juros ajudam a perspectiva de retomada do crescimento mais adiante, essa é a hora para um ajuste mais profundo.

Não podemos permitir o desordenado crescimento das despesas com o financiamento da máquina pública, como tem ocorrido hoje, quando a prioridade nacional absoluta é investir para mover a roda da economia.

Ao longo dos últimos seis anos - e essa é apenas uma constatação de reflexão para uma plateia tão qualificada como essa- enquanto o nosso PIB cresceu 28%, os gastos correntes do governo superaram 70% no mesmo período. Essa conta não fecha.

Por outro lado, se é nosso dever estimular a economia, não podemos e não devemos inflar expectativas, com lançamento de programas que se sucedem, mas não se realizam em plenitude, não porque lhes faltem boas intenções, recursos, mas porque foram moldados sob o signo do improviso, da ausência de planejamento, organização e - de novo - do necessário compartilhamento de responsabilidades.

Devemos aos que menos têm e mais precisam, novas saídas para antigos problemas e a possibilidade de se inserirem, de forma digna e produtiva, na nossa sociedade. Para mudar essa lógica da realidade, é hora de redefinir as formas de articulação entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social.

Precisamos romper com a concepção meramente desenvolvimentista, para reconhecer que o desenvolvimento social não decorre automaticamente do crescimento econômico.

Como endossar essa crença, se temos visto - ao longo de décadas - o alargamento do fosso que separa o Sudeste e o Sul de outras regiões brasileiras, em especial o Nordeste?

Precisamos garantir, como prioridade máxima, que o crescimento da economia promova ganhos reais e sustentáveis para os segmentos ainda desassistidos."

Foi esse sentimento que levou, há 50 anos, o mineiro presidente Juscelino Kubitschek a criar a Sudene, o primeiro olhar concreto de generosidade para com o Nordeste brasileiro.

(Lê) "E esse sentimento nos levará a um novo olhar sobre a educação, a qualificação e os marcos ambientais, neste início da nova era do conhecimento.

Devemos formular políticas econômicas capazes de criar uma nova realidade social, na medida em que elevem o poder aquisitivo da população e gerem novas oportunidades de trabalho e renda.

E também devemos compreender e não subestimar o potencial econômico das políticas sociais, na medida em que criam empregos, capacidade de consumo e novas demandas para o setor produtivo.

Essas são, portanto, senhoras e senhores, as duas faces de um modelo de Estado comprometido com o crescimento da economia e a autêntica democracia social.

Devemos superar definitivamente a falsa dicotomia entre Estado máximo e Estado mínimo.

O que devemos buscar, na verdade, é o Estado eficiente, o Estado justo.

E só revendo as relações entre o Estado, o mercado e a sociedade poderemos definir o papel de todas as forças que podem contribuir para o desenvolvimento do país e de cada uma das suas regiões.

Teremos que estimular a produção econômica e agregar valor a ela. Qualificar profissionais. Melhorar a saúde pública e tratar a educação com um compromisso e um olhar novo.

A educação frágil também está irremediavelmente associada ao agravamento da violência no Brasil e à favelização das grandes cidades. Dedico a parte final do meu pronunciamento a esta questão. Apesar de quase nunca ser citada, como deveria, a meu ver, a educação tem tido papel central na recente redução da desigualdade. E pode fazer pelo País muito mais.

No entanto, ainda estamos patinando. De cada dez crianças brasileiras que

entram na primeira série do Ensino Fundamental, só três terminam o Ensino Médio.

O brilhante educador Cláudio Moura e Castro demonstra em um belíssimo trabalho que um cidadão que tem o Ensino Fundamental ganha o dobro de um analfabeto.”

Os que têm o ensino médio completo, recebem um terço a mais que os que tem apenas escolaridade fundamental. E os que são graduados recebem 3,5 vezes

mais do que os que só tem ensino médio.

Esta, amigos e amigas, é a grande revolução em marcha que precisa ser decisivamente apoiada por todos nós e a maior ferramenta de inclusão à disposição da nossa sociedade.

E quem sabe os recursos do Pré-Sal...”

Permitam-me esta interrupção.

Agora intensamente discutidos, quem sabem esses recursos não... (Lê) “... possam significar uma luz no túnel para que possamos finalmente planejar e fortalecer a educação em todo o Brasil?

Precisamos, meus amigos, compartilhar com todos os municípios, estados, regiões e a sociedade organizada os nossos desafios centrais, porque eles não são, definitivamente, desafios deste ou daquele governo, deste ou daquele partido. São desafios do Brasil inteiro. Como já disse – e vou repetir - pouco importa a autoria e paternidade dos programas públicos, que tanta guerra política têm gerado. O importante é que façam...” (Palmas) - amigo ministro Geddel – “... bem ao Brasil.

O fundamental é preservar o que conquistamos até aqui, corrigir equívocos e avançar ainda mais. Muito mais.

Avançar com o olhar generoso que tão bem nos caracteriza, baianos e mineiros, quando se trata de pensar o Brasil.

Jamais buscamos em qualquer tempo a hegemonia sobre o que quer que fosse.

Só avançaremos quando as nossas eventuais diferenças não impedirem que nos aproximemos, todos, pelas ideias e consensos que formos capazes de construir.

Quando nossas diferenças não forem, como lamentavelmente ainda são hoje, maiores que os compromissos com o Brasil. Quando essa for uma tarefa e uma responsabilidade de todos. De todos e de cada um de nós, brasileiros.

Meus amigos, agradeço ao povo da Bahia, representado nesta Casa por suas principais lideranças, o privilégio deste título de cidadania, que levarei, a partir de hoje...” - tenho certeza disso - (lê) “... como uma das mais importantes homenagens que recebi ao longo dos meus quase 30 anos de militância política.

Ele me dá a mercê de andar ou voltar a andar pelo Pelourinho e voltar à Rua Chile, agora, como cidadão desta terra.

É salvo-conduto que me autoriza chegar ao Rio Vermelho.

Ali, diante da casa de Jorge Amado, poderei vê-las, conversando sobre amores, sempre belas e sedutoras, Gabriela e Dona Flor.

Verei também Jubiabá e Pedro Arcanjo, Quincas Berro D’água e outros velhos marinheiros. Vindos da Cidade Baixa ouvirei os acordes de “É doce morrer no mar”, do imortal Caymmi.

E continuarei aprendendo com os baianos, como aprendo com Caetano, meu amigo. É ele quem nos ensina:

‘Gente olha pro céu.
Gente é o lugar.
Gente é muito bom.
Gente é pra ser feliz!’

Obrigado Bahia, pela homenagem, pela solidariedade e pelos nossos melhores sonhos sobre o Brasil. Muito obrigado!

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Ouviremos o Hino ao Dois de Julho executado pelo flautista da Polícia Militar, Sargento Ranier Krup.

(Apresentação do Hino ao Dois de Julho.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença do ex-vereador Miguel Kertszman, representando o PPS e também a presença do presidente do Tribunal de Contas do Estado, Manoel Castro.

Sr. Governador do Estado de Minas Gerais e homenageado, Aécio Neves; Sr. Ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima; Sr. Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães Neto, 2º Vice-Presidente, representando o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer; Sr. 2º Vice-Presidente, desembargador Gerônimo dos Santos, representante da presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, desembargadora Sílvia Zarif; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Waldir Pires; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto; Sr. Ex-Governador do Estado da Bahia, Antonio Imbassahy; Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia, Antonio Carlos Magalhães Júnior; Sr. Senador da República pelo Estado da Bahia, César Augusto Rabelo Borges; Sr. Senador da República pelo Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo; Sr. Prefeito da Cidade de Salvador, João Henrique de Barradas Carneiro; Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais e do colegiado dos presidentes das Assembleias Legislativas, deputado Alberto Pinto Coelho; Sr. Deputado Federal Rodrigo Maia, presidente nacional do DEM; Srs. Deputados, Sras. Deputadas, minhas amigas, meus amigos (lê) “É um privilégio presidir a Assembleia Legislativa da minha terra - particularmente em momentos como este -, quando a Bahia, através de seus representantes, faz do Governador de Minas Gerais, o doutor Aécio Neves da Cunha, baiano também.

É importante salientar que esta casa é austera na concessão de Títulos de Cidadania, sendo fato ainda mais raro a obtenção da unanimidade quando da votação - secreta - em plenário.

E foi de forma unânime que a Bahia de Castro Alves, Ruy Barbosa, Octávio Mangabeira, Jorge Amado e Dorival Caymmi decidiu-se por ser também agora a terra de Aécio Neves, - nascido nas Minas Gerais do Aleijadinho, de Tiradentes, de Juscelino Kubitschek, Carlos Drummond de Andrade e de Tancredo Neves.

Berço do Brasil, a Bahia de Porto Seguro, da Chapada Diamantina, da Baía de Todos os Santos e da Barroca, Salvador irmana-se com as Minas Gerais das alterosas, da Vila Rica dos Albuquerque, do Rio São Francisco, de sua moderna Belo Horizonte, de São João Del Rey, de Ouro Preto e de Diamantina.

Baianos e mineiros têm os destinos integrados pelo Rio São Francisco, pelas lavras de ouro e diamantes, pelos grandes sertões roseanos - numa proximidade de vizinhos que, de fato somos. Não vou alongar-me. O nosso novo conterrâneo possui uma biografia política impressionante para um homem que ainda não chegou aos cinquenta anos.

Dentre os serviços já prestados ao país, como já foi dito aqui, destacam-se a presidência da Câmara Federal e, pela segunda vez consecutiva, ocupa o cargo de governador de Minas Gerais, tendo sido reconduzido com 77% dos votos válidos.

Doutor Aécio Neves, quero ressaltar que também aqui a proverbial sabedoria política dos mineiros encontra eco. Os baianos gostam de política e a fazem seguindo uma máxima de seu avô, o presidente Tancredo Neves: 'Não são os homens, mas as ideias que brigam.'

E este ensinamento vale muito para a Bahia governada por um autêntico democrata, o governador Jaques Wagner.

E assim, duplamente ungido com as bençãos de Nossa Senhora da Piedade e de Nossa Senhora da Conceição, padroeiras de Minas Gerais e da Bahia, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença dos senhores e das senhoras, das autoridades civis, militares e das deputadas e deputados e da imprensa.”

Declaro encerrada a presente sessão.

(Palmas, muitas palmas.)

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*